



GÊNEROS NOVOS E MULTILETRAMENTOS: A MULTIMODALIDADE NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

NEW AND MULTI-LITERARY GENRES: MULTIMODALITY ON THE SOCIAL NETWORK FACEBOOK

Evilmara Resende Casimiro
maraevil3@hotmail.com

Resumo

Os recursos tecnológicos estão a cada dia se modernizando e mais pessoas utilizando em diversos aspectos da sociedade. Considerando que as práticas de comunicação e de interação social se modificam com essas transformações, surgem assim, novas escritas, novas leituras, novos gêneros. Dessa forma, a comunicação perpassa por esses recursos tecnológicos com a inovação na maneira de interação com o outro. As redes sociais apareceram para se ter mais facilidade nas comunicações, compartilhamento de ideias, imagens, vídeos e outros. Além disso, podem ser utilizadas como ferramenta de ensino e aprendizagem. Sendo assim, o objetivo deste artigo é analisar a nova configuração textual dos gêneros e estes como digitais renovam a forma de ler/escrever na rede virtual. Este trabalho se fundamenta em autores como Bakhtin (1981, 2003) e Marcuschi (2008), para percorrer o trajeto discursivo aos estudos do gênero. Com relação à teoria da multimodalidade e multiletramentos em Dionísio (2006), Rojo (2012) e se baseia em outros autores nos demais aspectos.

Palavras-chave: Gêneros. Multiletramentos. *Facebook*. Ensino.

Abstract

Technological resources are increasingly modernizing and more people utilizing in various aspects of society. Considering that the practices of communication and social interaction change with these transformations, new writings, new readings, new genres arise. Thus, communication runs through these technological resources with innovation in the way of interacting with others. Social networks have appeared to make it easier to communicate, share ideas, images, videos, and more. In addition, they can be used as teaching and learning tools. Thus, the objective of this article is to analyze the new textual configuration of the genres and these as digital renew the way of reading / writing in the virtual network. This work is based on authors such as Bakhtin (1981, 2003) and Marcuschi (2008), to follow the discursive path to studies of the genre. With respect to the theory of multimodality and multiletramentos in Dionísio (2006), Rojo (2012) and is based on other authors in the other aspects.

Keywords: Genres. Multiliteracies. Facebook. Teaching.

Introdução

É perceptível o *boom* tecnológico em nosso meio ocorrido do decorrer dos últimos anos. Com a internet, nossos hábitos se passaram por evoluções. A comunicação já não é mais a mesma de outrora e sabemos de informações de outros lugares do planeta em apenas um *click*. O uso de redes sociais é algo que expandiu muito a maneira de usar a língua e de se socializar. Surgem assim, novos gêneros e com eles novas formas de lidar com a escrita e com a leitura. A leitura nesse contexto digital configura o processo de cognição. A escola é um espaço fundamental como *lócus* da formação da aprendizagem humana, e está imbricada nesta condição de transformação.

Diante disso, a leitura passou a se mostrar de forma multimodal, fragmentada, subdividida, inserida em uma mistura de linguagens e recursos visuais. Com isso, a maneira de explorar essa leitura requer estratégias pedagógicas diferentes das que foram empregadas em tempos passados nas escolas, na intenção de reconhecer e compreender as ligações de sentido da dialogicidade dentro da multiplicidade de gêneros produzidos e ofertados aos leitores. Assim, os multiletramentos são necessários nas práticas sociais pós-modernas com a leitura de textos que misturam escrita, layout, imagens, som e objetos 3D.

Dessa forma, vem se destacando a rede social *Facebook*, criada em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg, ex-estudante da Universidade de Harvard. Após sua criação, esta rede social conquistou espaço em vários países do mundo, e em 2012 “viralizou” no Brasil, tornando a rede social mais acessada. Quanto ao uso educacional, o *Facebook* faz parte do cotidiano de alunos, e então, professores buscam utilizar e estabelecer uma relação pedagógica, que atualmente é muito utilizada em vários níveis de ensino.

Este artigo se justifica pela necessidade da inserção dos recursos tecnológicos no âmbito educacional, pois se observa o quão estão presentes no cotidiano das crianças e adolescentes. Utilizar ferramentas que possam agregar conhecimento são relevantes para uma proposta de ensino que vá de encontro com a realidade vivenciada pelos envolvidos na aprendizagem.

O objetivo geral deste artigo é analisar a nova configuração textual dos gêneros e estes como digitais renovando a forma de ler/escrever na rede virtual. Também busca identificar na rede social *Facebook* a sua contribuição no processo ensino/aprendizagem como aparato discursivo de interação e socialização e suas potencialidades pedagógicas. E ainda analisar em uma turma da Eja, as atividades postadas no *Facebook* em um grupo fechado.

A metodologia deste trabalho consiste na pesquisa bibliográfica do tema proposto e posteriormente com as análises de um trabalho produzido com a turma da EJA utilizando a ferramenta *Facebook* para postar as atividades e interação entre professora e alunos e alunos/alunos.

O que são gêneros textuais?

Muito se falam em gêneros textuais como fenômenos históricos e relacionados à vida cultural e social. Estudar os gêneros textuais não é de agora, pois podemos considerar que se iniciou com Platão e Aristóteles, tendo origem em Platão a tradição poética e em Aristóteles a tradição retórica. “Gênero” é uma palavra latina que vem de uma fonte Indo-Europeia *gen-* ou *gnê-*, “gerar, engendrar, fazer nascer”, seria, assim, o nascimento de textos diversos. Segundo a tradição ocidental era vinculado aos gêneros literários, porém, hoje não é ligado apenas à literatura, conforme Swales (1990: 33), “gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”.

Nesse sentido, podemos caracterizar os gêneros textuais como entidades sócio-discursivas e formas de ação social que não se pode escapar em qualquer situação comunicativa. São eventos textuais demasiadamente flexíveis e dinâmicos, que surgem pelas necessidades e atividades

socioculturais, e se relaciona com as inovações tecnológicas, que são bastante perceptíveis tendo em vista o grande número de gêneros textuais existentes na atualidade.

Na antiguidade, a cultura era principalmente oral, e assim, evoluiu uma pequena quantidade de gêneros. Hoje, com a *cultura eletrônica*, cada vez mais somos envolvidos por TV, rádio, smartphones, tablets, blogs, podcasts, wikis, redes sociais e um tanto de outros recursos. Notamos, assim, novas maneiras de comunicação, seja na oralidade ou na escrita, sendo que os gêneros textuais nascem, situam-se e compõem-se nas culturas em que se evoluem.

Segundo Bhatia (1997), o estudo dos gêneros textuais está na moda e a expressão “gênero” vem sendo usada com mais frequência e em diferentes áreas de pesquisa. Para Candlin, apontado por Bhatia (1997: 629), trata-se de “*um conceito que achou o seu tempo*”, tornando-se área de interesse por diversos setores de interesses, como: sociólogos, tradutores, analistas do discurso, linguistas da computação, entre outros. Será analisado neste artigo no campo da linguística e em especial nas perspectivas discursivas.

Assim, pode-se salientar que aqui no Brasil existe uma grande propagação de trabalhos, com início na linha de Swales, passando para a Escola de Genebra tendo como inspirador Bakhtin e atualmente com influências de norte-americanos e da análise do discurso crítica. Bakhtin reflete uma espécie de bom-senso teórico em relação à compreensão da linguagem.

Investigação acerca dos gêneros textuais

Os gêneros textuais não são definidos como formas estruturais estáticas. Bakhtin (1997) afirmava que os gêneros eram tipos “relativamente estáveis” de enunciados criados pelas mais variadas esferas da atividade humana. Pode-se dizer que são famílias de textos com uma porção de semelhanças. São eventos linguísticos e se caracterizam como atividades sócio-discursivas. Sendo eles sócio-históricos e culturalmente sensíveis, então não se pode ter uma lista fechada de gêneros como se fossem prontos e terminados.

Segundo Bronckart (1999:103), “*a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas*”. Sendo assim, nós não dominamos um gênero textual e nem uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais específicas. Com isso, os gêneros textuais atuam como formas de corroboração discursiva, já que se situam numa relação sócio-histórica com fontes de produção que lhes dão sustentação muito além da justificativa individual.

Nesse sentido, não devemos definir os gêneros mediante certas propriedades que possam ser importantes e suficientes. Um gênero pode não conter alguma especificidade que lhe é cabível, porém ele continua sendo aquele gênero. Um bom exemplo é uma carta pessoal que mesmo que o autor se esqueça de assinar o nome no final e só escreva no início: “Querido vovô”, ela irá continuar sendo uma carta.

Multidisciplinaridade dos gêneros

O estudo dos gêneros textuais está se tornando cada vez mais multidisciplinar. E proceder sobre os gêneros é relacionar-se ao trato da língua em seu dia-a-dia em maneiras variadas. Tomando a posição de Carolyn Miller (1984), como já foi dito que os gêneros são uma “*forma de ação social*”. Eles são um “*artefato cultural*” relevante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade.

Dessa maneira, quando escolhermos um gênero, não estamos escolhendo somente uma ‘forma’, mas sim “*múltiplos fatores sociais e psicológicos com os quais nossos enunciados precisam dialogar para serem mais eficazes*”, como afirma Bazerman (2005: 29). Então, gênero é uma esfera de reconhecimento psicossocial e a forma é somente um dos aspectos, que nem sempre o define.

A novidade dos gêneros

Nestes últimos séculos, fomos permeados pelos avanços da tecnologia. Somos rodeados por TVs, rádios, smartphones, tablets, podcasts, wikis, redes sociais e vários outros aparatos. Dessa maneira, oportunizaram o aparecimento de novas maneiras discursivas, tais como editoriais, notícias, mensagens eletrônicas (*e-mails*), videoconferências, aulas virtuais e muito mais. Isso, já tinha sido observado por Bakhtin (1997) que pronunciava sobre a ‘transmutação’ dos gêneros e na apropriação de um gênero pelo outro produzindo novos.

Marcuschi (2008) ressalta que é bom ter cautela quando se afirma que algo novo está acontecendo em relação à linguagem, pois faz muitíssimo tempo que o ser humano fala e bastante tempo escreve. Ele cita David Crystal (2001:2) afirmando que a concepção de que a cada nova tecnologia o mundo todo se renova por completo, é uma ilusão que logo desaparece. Neste caso, podem até surgir inovações, porém logo pode se perceber que não era tão novo aquilo que foi tido como tal.

Dessa forma, gêneros novos não são tão novos, por exemplo, o *e-mail* (correio eletrônico) constitui *mensagens eletrônicas* que possuem nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Podem ser citadas aqui também como novas as mensagens de texto via smartphones através de aplicativos e redes sociais como *Whatsapp, Facebook e Twiter*.

Para tentar entender essa questão, Crystal escreveu o livro *A linguagem da internet sobre “o papel da linguagem da internet e o efeito da internet na linguagem”* (2001:viii). Um dos aspectos que podem ser destacados é que a internet modifica de maneira bem radical alguns gêneros existentes e desenvolvem outros realmente novos. No entanto, um fato é indiscutível: a internet e todos os gêneros ligados a ela são eventos textuais essencialmente baseados na escrita. Na internet a escrita continua fundamental. E isso é perceptível no uso das redes sociais ou aplicativos de mensagens instantâneas. Os usuários (escritores) escrevem demasiadamente, mesmo que usem a linguagem informal e coloquial. Possuem ainda falta de monitoramento e de cobrança pela fluência do meio, já que exigem rapidez na escrita.

Esses novos gêneros que surgiram nos últimos séculos contextualizadas em diferentes mídias, geram formas comunicativas próprias e possuem de certa forma um hibridismo provocando as relações entre a oralidade e a escrita. Nesses gêneros pode-se analisar a associação entre diferentes tipos de semioses com práticas sociais pós-modernas com a leitura de textos que misturam escrita, layout, aromas, movimentos variados, imagens, sons e objetos 3D. Neste contexto, obtemos a multimodalidade em que essas formas diversas se combinam e estruturam um enorme mosaico multissemiótico. A linguagem desses novos gêneros é cada vez mais visual tornando-se cada vez mais plástica.

Letramentos, Multimodalidades, Multiletramentos e ensino de línguas

Em tempos atuais, estudos de variados linguistas vêm contribuindo com uma ação pedagógica para o ensino de línguas favorecendo o contato real do aprendiz com a multiplicidade de textos que propagam socialmente.

Dionísio (2006, p. 160) destaca que nossa sociedade está cada vez “mais visual”, mostrando que os textos multimodais “*são textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa*”. Diante disso, o conceito de multimodalidade torna-se indispensável para analisar a inter-relação entre texto escrito, imagens e outros elementos gráficos, possibilitando com isso compreensão dos sentidos sociais construídos por esses textos, além da importância nas práticas de letramento.

O termo “letramento” surgiu no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por

alfabetização (SOARES, 2006). No Brasil, este termo foi usado inicialmente por Mary Kato, em 1986, na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*.

A partir das mudanças causadas pelo desenvolvimento tecnológico, tendo como influência nos modos de interação humana, Dionísio (2006) sugere a troca do termo letramento para multiletramentos para determinar a capacidade de atribuir e produzir sentidos a mensagens multimodais. A autora afirma que uma pessoa letrada deve ser “*capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem*” (DIONÍSIO, 2006, p. 131), defendendo assim, um letramento plural que concilie o letramento imagético (signo visual) e o letramento da escrita (signo verbal).

Existem variadas atividades as quais fazemos parte e que requerem os saberes acerca de diversos conhecimentos que são considerados pelos multiletramentos, fundamentados na manipulação de uma multiplicidade de linguagens, culturas, práticas sociais e contextos, diferentemente de uma visão de letramento embasada na apreensão de regras e sua aplicação de maneira correta (COPE; KALANTZIS, 2008).

A cerca do Letramento Visual, Gunther Kress e van Leeuwen (2006) fazem as seguintes reflexões:

a) As imagens visuais podem ser lidas como um texto; b) A multiplicidade de significados dos textos multimodais deve estar pautada nos seus contextos sociais; c) As imagens visuais, como a linguagem e todos os modos semióticos, é socialmente construída. De acordo com os autores, a desconsideração pelo letramento visual na escola acaba constituindo iletrados visuais.

Conforme Kress e van Leeuwen (2006), a multimodalidade é uma característica de todos os gêneros textuais, já que congregam, no mínimo, dois modos de representação, como imagens e palavras e tipografias. Sendo assim, o empoderamento semiótico depende da compreensão das diferentes semioses presentes em cada gênero.

Segundo Kress e van Leeuwen (2006), assim como a linguagem verbal, a visual também:

- Representa o mundo de maneira concreta e abstrata;
- Constrói relações sócio-interacionais e constituem relações de significado a partir de sua composição;
- Produz conhecimento, formas de pensar e de agir no e com o mundo;
- É meio eficaz para o convencimento e o controle do leitor-consumidor;
- É portadora de sentidos que direcionam comportamentos;
- É ideologicamente construída;
- Representa um importante papel na construção de identidades, de valores, de crenças e da própria realidade.

Diante disso, os autores afirmam que os gêneros da escrita constituem um conjunto integrado que combinam a linguagem escrita, imagens e gráficos, portanto são multimodais. García Canclini afirma que, “*essa apropriação múltipla de patrimônios culturais abre possibilidades originais de experimentação e de comunicação, com usos democratizadores*” (García Canclini, 2008[1989]: 308). Nesse sentido, deve-se fazer o uso de novos e outros gêneros do discurso, outras mídias, tecnologias, linguagens, línguas e variedades. Seria, pois, não abandonar quadro, “giz” e livro didático, mas, inserir novos recursos de letramento nas práticas de ensino/aprendizagem.

Roxane Rojo declara que “*para tanto, são requeridas uma nova ética e novas estéticas. Uma nova ética que não se baseie tanto na propriedade (de direitos de autor, de rendimentos que se dissolveram na divulgação livre da web), mas no diálogo (chancelado, citado) entre novos interpretantes (os remixes, mashups).*” (Roxane Rojo, 2012:16). Essa nova maneira de ensinar deve estar interligada com as novas tecnologias, uma vez que, não podemos mais fugir delas.

Diante da polissemia dos multiletramentos, seja na diversidade cultural de produção e circulação de textos ou na diversidade de linguagens que são constituídos, há algumas utilidades interessantes. Perante as possibilidades, pode-se destacar que eles são interativos, ou melhor, colaborativos, dando para se relacionar de maneira que ocorre a colaboração entre os envolventes na atividade. Eles transgridem as relações de poder estabelecidas, seja das máquinas, das ferramentas, das ideias ou dos textos (verbais ou não). Eles são híbridos, fronteiros, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Novas formas de aprender

A sociedade contemporânea vem sofrendo mudanças cada vez mais visíveis e contínuas. E isso traz discussões às novas maneiras de procedimentos educacionais. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) se inovam constantemente e são desafiadoras, pois não é somente mudar os modos convencionais do ensino/aprendizagem, mas pensar uma nova maneira de aprender dando uma “ressignificação” ao processo educativo.

No ambiente educacional, seja alunos ou professores procuram inovações em suas práticas, e claro ao professor a exigência é maior, pois os alunos da geração Z já são midiáticos, linkados, conectados, interativos, dinâmicos, cibernéticos, ou seja, muitos desses alunos, já têm um vasto conhecimento de mundo, e o professor não deveria ficar atrás disso tudo. Sobre este desafio Behrens (2005, p. 111) afirma que:

[...], o paradigma emergente busca provocar uma prática pedagógica que ultrapasse a visão uniforme e que desencadeie a visão de rede, de teia, de interdependência, procurando interconectar vários interferentes que levem o aluno a uma aprendizagem significativa, com autonomia, de maneira contínua, como um processo de aprender a aprender para toda a vida. (p.111)

Deste modo, o uso de ferramentas tecnológicas no processo educativo, exige a percepção dos envolventes em aspectos como os comportamentos, intermediação, uso, aplicação, produção e efetivação do processo ensino-aprendizagem. Com isso, faz-se necessário que a mediação efetiva seja incluída nas relações professor-aluno, uma mediação da eficiência e não somente da eficácia do uso das técnicas ou possibilidades que as tecnologias podem proporcionar como agregadoras de novos conhecimentos, ou seja, requer-se interatividade.

No ambiente educacional, percebe-se ainda uma rejeição no uso das novas tecnologias para aplicar ao estudo dos gêneros textuais. Muitas escolas têm recusado a usá-las em suas atividades do dia-a-dia e se deixam levar por concepções que se afastam da realidade dos alunos que fazem parte da geração Z, os que nasceram depois do ano de 1995. Eles não conheceram o mundo sem internet, não diferenciam a vida online da off-line e querem tudo para agora. Dentro do contexto de ensino estão os professores das gerações anteriores (X,Y) que necessitam acompanhar o crescente *boom* tecnológico.

Porém, alguns professores vêm reproduzindo um discurso *tecnóforo* sem ter a reflexão necessária ou suficiente. Vemos, por exemplo, entre professores especialmente de Língua Portuguesa que a linguagem da Internet vem prejudicando a aprendizagem da escrita correta das palavras do Português. Neste caso, devem-se orientar os alunos com relação ao contexto da escrita, pois depende da conjuntura em que vai se escrever algo. Devemos nos adequar conforme o contexto em que estamos inseridos, pois em cada situação interacional “vestimos” distintos papéis sociais. A título de ilustração podemos comparar a língua a um guarda-roupa em que nos vestimos conforme o ambiente que iremos frequentar. Portanto, saber lidar com a língua em variados ambientes, deve-se fazer parte do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Xavier (2002), todo indivíduo mais ou menos letrado tem intuitivamente uma noção do que seja adequação linguística. A maioria dos usuários da língua sabe que não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita, bem como não se pode separar a escrita da leitura enquanto processos de aquisição, (re)organização e distribuição de conhecimento, já que estão cognitivamente imbricados. Portanto, nessa discussão, o autor considera dois pressupostos teóricos importantes e influentes para a adoção de uma posição sobre o tema:

1. Leitura e Escrita são processos interdependentes e complementares;
2. Toda leitura é uma reescritura de um texto e toda escrita é a colagem de várias leituras realizadas em outros momentos, pois não há leitura sem escrita nem escrita sem leitura e uma habilidade não sobrevive sem a outra.

Nesse sentido, esses processos são abordados separadamente, como se isso na prática fosse possível. Conforme Xavier (2002), todo ser em formação intelectual, principalmente na adolescência, precisa de: a) variar a leitura dos gêneros de texto que circulam na sociedade a fim de ler e distinguir. Ele deve ler romances, crônicas, novelas, poemas, ensaios, para que atendam às suas necessidades sócio-comunicativas; b) variar os suportes, as superfícies dos objetos de leitura, para assim ter contato com o papel, com os diferentes formatos de livros, jornais, cartazes, panfletos etc.

Com essa mudança de suportes, o aprendiz pode ampliar a experiência de leitura por serem privilegiados por viverem esse momento de transição do papel (analógico) para a tela (digital), no qual experimentam a simultaneidade de semioses e vivenciam a clipagem das linguagens.

Para Xavier (2002), a linguagem verbal, sendo um fato social, produto da criatividade humana e construção histórica de seus usuários, muda, é modificada por eles, renova-se juntamente com seus falantes, seres vivos e em constantes mutações pessoais e coletivas. Dessa maneira, é comum que pela nova necessidade de comunicação ou anseio de expressão humana, tenha transformações na maneira de usar a língua.

Neste caso, com o surgimento de novos contextos sociais e de relacionamentos interpessoais, requer, portanto, a criação de novos gêneros textuais. Com as recentes situações comunicativas, exigem gêneros específicos para cada uma delas e estes despontam para atender as mais variadas condições físicas, emocionais e econômicas que nos são impostas para que usemos de uma maneira e não mais de outra.

Os novos gêneros são emergentes das novas tecnologias e é comum que haja a mistura de gêneros nos quais se fundam maneiras criativas de grafar as palavras e revolucionar os gêneros já existentes. Por exemplo, existem as relações de proximidade entre os gêneros carta pessoal e email; entre o bilhete e as mensagens instantâneas via o aplicativo Whatsapp; seminários e fóruns eletrônicos; blogs e diários/ agendas, entre outros. Neste caso, cada gênero textual requer uma forma específica de usar a escrita, uma vez que nem todo gênero textual necessita ser formal e usar a norma culta da língua. No uso das mensagens do bilhete ou utilizando um aplicativo como o Whatsapp, utiliza-se a informalidade da escrita e um tom mais coloquial por causa da proximidade entre os interlocutores e da natureza do tema discutido. Da mesma maneira, é natural que, num seminário, os participantes utilizem sua fala procurando aproximar da norma padrão da língua, em virtude do contexto de academia de algum evento.

A multimodalidade com a rede social *Facebook*

Neste mundo digital aparecem as redes sociais, e com elas o *Facebook*, suporte da web que pode oportunizar uma série de ações determinadas ao ensino, como análise de gêneros, intenções e instâncias discursivas, leituras e releituras, tipos de argumentos entre outras atividades voltadas para

o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Esta rede social utiliza textos multimodais, que naturalmente exemplificam a essência visual e comunicativa.

A rede social *Facebook* foi lançada em fevereiro de 2004 por Mark Zuckerberg acompanhado de seus colegas Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin. Esta rede é visitada por usuários de cada parte do mundo. O *Facebook* tem a possibilidade de realizar inúmeras tarefas como: compartilhamento de vídeos, textos, ideias, fotos, imagens, divulgação de produtos, notícias, fatos e diversão por meio de seus aplicativos.

Algumas das opções do *Facebook* são a criação e a filiação de grupos em que se pode exibir fotos, criar documentos com a participação colaborativa de um texto coletivo, criar eventos com agendamento das atividades dentro e fora da plataforma, criar enquetes como recurso para pesquisas, bate papo, etc. Esse recurso permite a interação entre os participantes do grupo que tanto pode ser um grupo aberto a quem estiver na rede ou fechado para um número pequeno de usuários.

À vista disso, os recursos de comunicação do *Facebook* são revelados de duas maneiras: síncronas e assíncronas. Assim sendo, torna-se um espaço inovador que colabora nas interações, socializações e aprendizagem colaborativa em rede, por meio do diálogo e da construção coletiva de saberes entre os sujeitos. Com relação a isso, Freire (1998, p. 96) já comentava que:

Constitui-se em um ato coletivo, solidário, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções. A dialogicidade constitui-se no princípio fundamental da relação entre educador e educando. O que importa é que os professores e os alunos se assumam epistemologicamente curiosos (p.96).

Desde sua criação, ainda é discutível se é benéfico ou não para o uso na educação. Alguns defendem que os professores poderiam estar “invadindo” o espaço pessoal do aluno ou que atividades para serem feitas nesta plataforma poderiam ser motivos de dispersão, pois há o *chat* que é feito em tempo real.

Com relação ao aspecto atuante, o *Facebook* é constituído por uma plataforma com incitante suporte interativo. No momento que um usuário registra um comentário ou posta um texto na rede social, torna-se um locutor instantâneo para uma quantidade inumerável de receptores e isso se dá numa velocidade frenética possibilitando a criação contínua de acervos hipertextuais.

Nesta mistura hipertextual, notam-se o desdobramento e a recriação de gêneros textuais. O *Facebook*, enquanto um espaço que propicia a leitura e a reprodução de textos revela uma diversidade no espaço da comunicação, recriando-se e se renovando em sua multiplicidade.

Por conseguinte, ocorre uma efervescência na linguagem e transformação dos gêneros textuais, corrobora-se que

os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2003, p. 19)

Defronte da multifuncionalidade textual do *Facebook* e de seu caráter estimulador de modificação na comunicação e expressão, nota-se que essa rede social promove, por meio de seu material textual, um ambiente de recriação e redescobertas de gêneros textuais, o que vem ao encontro da transmutação de gêneros destacada por Bakhtin.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. (BAKHTIN, 1997, p. 158)

Resultados e discussão

Os alunos pertencentes ao ensino da Eja (Educação de jovens e adultos) têm uma carga horária mínima em sala de aula. Por isso, eles necessitam de uma carga horária complementar que seja feita em horário que não esteja em sala. Segundo orientações para a Eja do ensino médio é preciso um projeto interdisciplinar para esta complementação de horas.

Durante o biênio de 2017-2018, trabalhei com disciplinas da área de linguagens e códigos (Língua Portuguesa, Arte e Educação física) em uma turma de ensino médio da Eja, numa escola da cidade de Porto Nacional – TO. No último período, no qual foi realizado o projeto com *Facebook*, a turma era composta de apenas nove alunos.

Assim sendo, foi criado um grupo fechado do *Facebook* com os alunos da turma e depois outros professores, coordenadores e a diretora entraram no grupo. O tema do projeto interdisciplinar do 3º período da Eja foi “Saneamento básico como qualidade de vida”. Uma temática com inúmeras opções para serem trabalhadas.

Eis aqui algumas das ações de Língua Portuguesa que foram propostas aos alunos durante a realização do projeto: Assistir aos vídeos no *Facebook* para responder a questões escritas; Assistir e comentar os vídeos no *Facebook*; Realizar entrevistas com médicos e enfermeiras para gravar um vídeo e postar no *Facebook*; Interpretar textos sobre o tema; Resolver a um caça-palavras sobre Saneamento Básico; Ler textos sobre Saneamento básico para produção de resenha crítica.



Figura 1: Atividades postadas no *Facebook*



Figura 2: Vídeo da entrevista dos alunos postado no Facebook

Assim, a partir do momento em que era postada uma tarefa, já era possível ver quem havia visualizado e isso é um ponto positivo, pois não teria como falar que não sabia. Algo que diferenciou dos outros projetos realizados em períodos anteriores da Eja foi a agilidade com a produção das tarefas, pois como o acesso dos alunos à rede social é quase que contínuo, então não os deixaram esquecer que precisavam efetuar as atividades.

Outro ponto favorável foi a aprendizagem colaborativa com a utilização da ferramenta. Os alunos comentavam as tarefas, opinavam acerca do tema e sugeriam também como poderiam ser trabalhadas.

Percebe-se ainda a mesclagem de linguagem verbal com a visual, a complementação que uma executa à outra e abrange a significação textual, características que são habituais em textos multimodais. Acerca dessa mudança textual, apontado pela itinerância discursiva e enunciativa, que de alguma forma é o elemento que dá valor e diversidade à rede social, é que se analisa

Não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgem: o chat, o blog, o email, etc. (FIORIN, 2008, p. 65)

Então, reconhecer essas mudanças através dos gêneros e perceber o quão torna-se necessário o docente adaptar-se às transformações é fundamental para que haja um ensino que vá além do tradicional. Buscar novas maneiras de ensinar é, portanto, um desafio constante, mas que seja assim para que haja novos saberes e ainda novos gêneros.

Considerações Finais

É de suma importância observar, então, que a sociedade evolui e os gêneros textuais também não fica para trás. Notamos que, na verdade, alguns gêneros que vão surgindo são um seguimento de outros como a carta e o email. Neste novo jeito de escrever e até de se comunicar é que aparece também a complexidade de se definir o que são gêneros textuais e o que não são, pois não podemos confundir com o suporte.

Não podemos afirmar que a multimodalidade é algo totalmente novo, pois a escrita já é uma imagem, e percebemos em livros e jornais a presença de imagens, gráficos, mapas e outros. Além disso, a presença do rádio e da televisão não é de agora. Porém, estes recursos não eram tão usados no ensino e aprendizagem. Hoje, os alunos que chegam à escola a maioria já têm ou já teve contato com um aparelho móvel e como foi dito, fazem parte da geração Z, são nativos digitais. Então, a escola não pode ficar mais atrelada somente ao texto escrito e estar aberta às inúmeras possibilidades que as mídias digitais propiciam.

A questão dos multiletramentos e da multimodalidade é algo que precisa da atenção dos educadores e professores, pois com o surgimento das novas mídias e dos novos gêneros, não dá mais para fugir deste mundo cibernético e hipertextual, assim como afirmou Dionísio (2006, p. 160), que a nossa sociedade está cada vez “mais visual”. Dessa forma, a mesclagem de texto com imagens e vídeos é uma maneira de desenvolver os multiletramentos, já que o aluno tem outras oportunidades de aprender e não só com o texto escrito.

Atualmente, é crescente o número de usuários das redes sociais e uma delas é o Facebook. Estudos mais centrados nas complexidades de leitura, comunicação e expressão nessa plataforma se fazem importantes na literatura, mesmo que já tenham produzidas com caminhos favoráveis para pesquisas mais aprofundadas sobre a leitura multimodal. O cérebro humano é versátil, estudos de neurociências transpassam as fronteiras da Psicologia e da Medicina e mostram a neuroplasticidade, a capacidade de se adaptarem estratégias de ensino a cada indivíduo (DEHAENE, 2012, p. 17).

Porém, não há regras ou limites na utilização de recursos tecnológicos como estratégia de ensino. O professor precisa estar atento a essas mudanças, e adaptar as tecnologias no processo educativo. Isso não é abandonar os sistemas de aprendizagem tradicional, mas usar como recurso alternativo. E quando o professor aproxima o conteúdo da realidade dos discentes, isso torna a aprendizagem mais efetiva e apropriada. Torna-se fundamental que o professor conheça a realidade em que os aprendizes estão inseridos para que saiba como lidar e como manifestar a produção do conhecimento dentro de suas vivências.

A escola, então, deve utilizar os novos suportes e suas potencialidades, com a diligência que esse ato pedagógico requer. Obviamente, com o uso desses suportes há uma nova esfera a se explorar, numa pedagogia de multiletramentos cujos produtos de ensino e aprendizagem são ilimitados. É preciso mudar, transformar.

Referências

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BHATIA, V. K. The Power and Politics of Genre. *World Englishes*, v. 16, n. 3, p. 359-371, Nov. 1997. Disponível em: <http://www.lingue.uniba.it/dag/pagine/>. Acesso em: 4 mai. 2011.
- BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEHRENS, M. A. Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica. Campinas: Papyrus, 2005a.
- BRONCKART, J.P. Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999

COPE, B.; KALANTZIS, M. Language education and multiliteracies. In: HORNBERGER, N. H. (Org.). Encyclopedia of language and education, v.1. New York: Springer, 2008. p. 195-211.

CRYSTAL, David (2001). Language and the Internet. Cambridge: Cambridge University Press.

DEHAENE, S. Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução de Leonor Scliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DIONÍSIO, Ângela. (2006). Diversidade de ações sociais e de representações: diversidade de gêneros e em gêneros. In: II Congresso de Educação Dom Bosco-ANAIS. Curitiba, julho/2006.

FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GARCIA CANCLINI, N. Culturas híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2008[1989].

KLEINA, Nilton. A história do Facebook, a maior rede social do mundo. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/132485-historia-facebook-maior-rede-social-do-mundo-video.htm>. Acesso em: 18 jul. 2018.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading Images: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividade de retextualização. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, L. A. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Heloísa. Conheça a Geração Z: nativos digitais que impõem desafios às empresas. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/20/politica/1424439314_489517.html> Acesso em 12 ago. 2018.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. Quarterly Journal of Speech, n. 70, p. 151-167, 1984.

Orientações Eja. Diário Oficial do Estado de Pernambuco - Poder Executivo Recife, 4 de agosto de 2011. Disponível em: <<http://legiseduc.blogspot.com/2012/01/orientacoes-eja-medio.html>> Acesso em 08 set. 2018

RICHARDSON, W, “The educator’s guide to the read/write web,” Educational Leadership, 63(4):24,2005.

ROJO, Roxane Helena. Multiletramentos na escola/ Roxane Rojo, Eduardo Moura [orgs.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SWALES, John M. Genre analysis: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

XAVIER, Libânia Nacif. Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: 1932. Bragança Paulista, EdUSF, 2002.